

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E  
CIÊNCIAS HUMANAS**

**MARCOS VINÍCIO CAETANO**

**FAZENDO HISTÓRIA EM TEMPOS DE GOLPE: A CRISE BRASILEIRA ENTRE  
2015 E 2016 NA ANÁLISE DO LIVRO “HISTORIADORES PELA DEMOCRACIA”**

**GUARULHOS**

**2021**

**MARCOS VINÍCIO CAETANO**

**FAZENDO HISTÓRIA EM TEMPOS DE GOLPE: A CRISE BRASILEIRA ENTRE  
2015 E 2016 NA ANÁLISE DO LIVRO “HISTORIADORES PELA DEMOCRACIA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel e Licenciado em História. Orientação:  
Dr. Janes Jorge.

**GUARULHOS**

**2021**

NA QUALIDADE DE TITULAR DOS DIREITOS AUTORAIS DO TRABALHO CITADO, EM CONSONÂNCIA COM A LEI DE DIREITOS AUTORAIS Nº 9610/98, AUTORIZO A PUBLICAÇÃO LIVRE E GRATUITA NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UNIFESP, SEM QUALQUER RESSARCIMENTO DOS DIREITOS AUTORAIS, PARA LEITURA, IMPRESSÃO E/OU DOWNLOAD EM MEIO ELETRÔNICO DESSE TRABALHO PARA FINS DE DIVULGAÇÃO INTELECTUAL DA INSTITUIÇÃO.

CAETANO, Marcos Vinício.

Fazendo História em tempos de golpe: a crise brasileira entre 2015 e 2016 na análise do livro “Historiadores pela Democracia”. / Marcos Vinício Caetano. – 2021. 30 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado e Licenciatura em História) – Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2021.

Orientação: Prof. Dr. Janes Jorge

1. História imediata 2. Livro 3. Brasil do século XXI

**MARCOS VINÍCIO CAETANO**

**FAZENDO HISTÓRIA EM TEMPOS DE GOLPE: A CRISE BRASILEIRA ENTRE  
2015 E 2016 NA ANÁLISE DO LIVRO “HISTORIADORES PELA DEMOCRACIA”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à  
Universidade Federal de São Paulo como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel e Licenciado em História. Orientação:  
Dr. Janes Jorge.

Aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Janes Jorge

Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr.

---

Prof. Dr.

Para Ana, Luiz e Larissa

## AGRADECIMENTOS

Meu percurso na graduação foi cumprido com dificuldades que não poderiam ser superadas sem a ajuda de outras pessoas. Dentre essas pessoas, está a Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia Barbosa Mansor D'Alessio, que infelizmente nos deixou recentemente. Sou grato a ela pela inspiração e caminhos fornecidos que me auxiliaram no início desta pesquisa. A trajetória grandiosa da Professora Marcia será lembrada, inclusive, por esse contato generoso com seus alunos.

Contato este que pude desenvolver também com o Prof. Dr. Janes Jorge. Agradeço a ele pela orientação, correções necessárias e pela tranquilidade transmitida que ajudaram a me manter confiante para superar receios e terminar o estudo.

No decorrer do curso, uma amizade me acompanhou de maneira determinante no desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço ao Fábio Melo pelas conversas nos bares e nos trajetos para o campus, as quais me ajudaram a superar o abatimento com a crise do país, e auxiliaram na reflexão sobre o momento vivido por nós. A sensação de não estar sozinho foi possível por essas conversas.

Se não estive sozinho foi também, especialmente, por conta de minha família e minha namorada. Minha mãe, Ana, e meu irmão, Luiz, foram fundamentais com seus afetos, conselhos e estímulos para que eu pudesse seguir em frente. Minha namorada, Larissa, foi definitivamente importante com seu carinho e cuidado que me permitiram ter serenidade e vontade de superar as dificuldades. Este trabalho é por todos vocês.

*[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente.”*

Giorgio Agamben

## Resumo

A crise atual brasileira tem sido construída em um conturbado cenário político que se intensificou no ano de 2016 com a queda do governo Dilma. Nesse contexto, surge um grupo denominado “Historiadores pela Democracia”, que busca reunir uma série de textos na tentativa de entender esse cenário e se posicionar diante do que consideram um golpe em andamento. Com o objetivo de estudar a história desse livro, a presente pesquisa permitiu entender tal obra para além de seus aspectos textuais e traçar uma relação que sua criação tem com o contexto vivido pelos autores. Percebemos que o curto período da história brasileira de 2015 a 2016 foi de intensa aceleração de fatos ocasionados por uma crise que uniu problemas mal resolvidos de nosso passado com novas questões impulsionadas pelas mídias digitais. O estudo apontou um entendimento da relação entre historiografia e a dimensão do presente, fornecendo possibilidades de enfrentamento da crise, a qual permanece atual a nós.

Palavras-chave: Brasil. Crise política. Mídias digitais. Golpe. História imediata. Democracia.



## **Abstract**

The current Brazilian crisis has been built in a troubled political scenario that was intensified in 2016 with the fall of Dilma's government. In this context, a group called "Historians for Democracy" emerges, this group seeks to gather a series of texts in an attempt to make sense this scenario and to take a stand before what they consider a coup in progress. In order to study the history of this book, the present research allowed us to understand such work beyond its textual aspects and to trace a relationship that its creation has with the context experienced by the authors. We realized that the short period of Brazilian history from 2015 to 2016 was one of intense acceleration of facts caused by a crisis that brought together unsolved problems of our past with new issues driven by digital media. The study pointed to an understanding of the relationship between historiography and the dimension of the present, providing possibilities for coping with the crisis that remains today.

Keywords: Brazil. Political crisis. Digital media. Coup. Immediate history. Democracy.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Capítulo 1 – A ordem singular na obra</b> .....	15
AUTORES.....	15
CAPA E CRONOLOGIA.....	18
REPERCUSSÃO.....	21
<b>Capítulo 2 – As Mídias Digitais na obra: influência e conflitos</b> .....	23
IMAGENS E ANEXO.....	23
ESCRITA .....	26
OBJETO.....	28
<b>Capítulo 3 – A força do presente no fazer histórico</b> .....	30
HISTÓRIA IMEDIATA E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE.....	30
HISTÓRIA E JORNALISMO .....	33
CONTEMPORÂNEOS .....	37
<b>Considerações Finais</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	41
<b>FONTES DOCUMENTAIS</b> .....	43
<b>ANEXOS</b> .....	44

## Introdução

Os anos de 2015 e 2016 fazem parte de um momento extremamente conturbado da vida política brasileira. Marcado pelo processo de impeachment que culminou com a queda do governo de Dilma Rousseff, mas também por manifestações de rua, embates jurídicos, intensa produção midiática e jornalística e enfrentamentos políticos, que somados compõem o cenário de um período determinante da recente crise política do país, vivenciada até o momento.

Na avaliação dos fatores que influenciaram a crise, Adriana de Freixo e Rosana Pinheiro, autoras e organizadoras da obra *Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização*, fazem um recorte possível que se inicia no ano de 2013, momento em que um ciclo de manifestações inéditos no século XXI expressaria o limite do modelo político conciliatório e de maioria parlamentar, conhecido como 'peemedebismo' por um lado, e um 'reformismo fraco' do projeto lulista por outro.<sup>1</sup>

Ainda na análise dessas autoras, o golpe de 2016:

[...] é certamente um marco importante de uma ruptura institucional engendrada por antigas elites econômicas, políticas e midiáticas do país. Além disso, é neste período que o campo da direita, especialmente os movimentos neoconservadores, vê uma janela de oportunidades para se organizar em termos de ação coletiva. (FREIXO; MACHADO, 2019, p. 19)

Longe de buscar uma origem determinada de um processo complexo e ainda latente, é necessário, no entanto, delimitar um intervalo diferente se quisermos analisar esse momento histórico pelo documento escolhido. A pesquisa presente faz essa delimitação entre os anos de 2015 e 2016 por considerar que o objeto de estudo trata de um contexto em que o golpe está definitivamente em andamento. É nesse período que manifestações contra o governo petista crescem juntamente ao fortalecimento da chamada Operação Lava Jato, ambas com grande repercussão midiática no país. Assim como é o momento de produção do próprio livro, enquanto

---

<sup>1</sup> MACHADO, Rosana Pinheiro; FREIXO, Adriano de. (orgs.). *Brasil em transe: Bolsonarismo, Nova Direita e Desdemocratização*. Editora Oficina, Rio de Janeiro, 2019. p.12

reação a esse contexto. Se em alguns momentos me estendo para além desse período, são apenas circunstâncias da análise que me permite entender melhor o que o documento nos diz sobre a delimitação inicial.

O livro que me disponho a analisar é uma composição de diversos artigos – que datam de 2009 até junho de 2016 - organizada por três historiadoras brasileiras. O título é herança decorrente do nome de um grupo do *Facebook*, criado um mês antes do lançamento da obra e que buscava reunir e divulgar manifestações públicas de historiadores contra o golpe em andamento.<sup>2</sup> Editado pela Alameda, o livro conta com uma divisão em quatro partes, cada uma iniciada com uma cronologia de fatos. Foi pensado e escrito ao mesmo tempo em que seus autores viviam os acontecimentos que levariam ao impeachment.

A obra *Historiadores pela democracia - O golpe de 2016: A força do passado* foi escrita, majoritariamente, por historiadores e professores acadêmicos que se propõem a fazer:

[...] um exercício de história imediata construído a partir da seleção e organização em ordem cronológica de textos, entrevistas e depoimentos de historiadores e cientistas sociais produzidos, em sua maior parte, no calor do processo da atual crise política brasileira. (BESSONE; MATTOS; MANIGONIAN, 2016, p.9)

Analisar historicamente um livro significa, entre outras coisas, adentrar num campo que detém certa tradição historiográfica e que, nas últimas décadas, vem ganhando cada vez mais espaço investigativo com a organização de revistas, colóquios e base de dados em um esforço de diálogo entre diferentes disciplinas.<sup>3</sup>

O historiador francês Roger Chartier é um dos mais notáveis estudiosos do campo. A respeito de seus métodos de investigação histórica, ele indica que:

Compreender os princípios que governam a 'ordem do discurso' pressupõe decifrar, com todo o rigor, aqueles outros que fundamentam os

---

<sup>2</sup> Informações disponíveis na página do *facebook* do grupo:  
<https://www.facebook.com/groups/279791989029774/about>

<sup>3</sup> BELO, André. *História & Livro*. 2<sup>o</sup>ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

processos de produção, de comunicação e de recepção dos livros (e de outros objetos que veiculem o escrito). Mais do que nunca, historiadores de obras literárias e historiadores das práticas e partilhas culturais têm consciência dos efeitos produzidos pelas formas materiais. No caso do livro, elas constituem uma ordem singular, totalmente distinta de outros registros de transmissão tanto de obras canônicas quanto de textos vulgares. (CHARTIER, 1998, p.8)

Dessa maneira, faço uso desta perspectiva para analisar o livro por meio da investigação de sua produção, edição e circulação, porque entendo que são aspectos importantes que, correlacionados ao contexto em que o documento foi feito, nos informam sobre a crise política e o próprio campo historiográfico no país.

As questões que baseiam o primeiro capítulo deste trabalho fazem parte dessa investigação. Ela concentra-se nos autores, na produção da capa, na organização da cronologia e na repercussão imediata ao lançamento da obra, como maneira de apresentar as características gerais do livro e sua relação com a crise em que é escrito. Para isso, utilizo como bibliografia alguns textos de Roger Chartier, bem como o livro *História & Livro do historiador português André Belo*.

No capítulo dois, *As mídias sociais na obra: Influências e conflitos*, a intenção é entender como as mídias sociais, sobretudo o *Facebook*, se correlacionam com a obra num todo, desde sua produção, passando pela própria análise que os autores fazem até sua repercussão. Qual é o peso que o uso dessas mídias exerce na obra?

Em um artigo para a revista acadêmica *Tempo e Argumento*, George Zeidan destaca que existem transformações socioculturais geradas pelo uso intenso da internet que interferem nas atividades promovidas por historiadores.<sup>4</sup> Como isso aparece na obra, é um dos problemas que procuro tratar. Para responder a essa questão, além dos já citados Chartier e Zeidan, emprego artigos da jornalista Adriana Delorenzo e da socióloga Esther Solano.

No terceiro e último capítulo deste estudo, meu propósito é discutir de que maneira a obra pode auxiliar na solução ou problematização de questões referentes ao conceito de História imediata ou mesmo ao campo da História do tempo presente. Para isso, busco mobilizar a análise dos diferentes aspectos do livro em sua relação

---

<sup>4</sup> ARAUJO, George Zeidan. Ler, pesquisar e escrever história em tempos de internet: desafios e possibilidades. *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 151 - 164, mai./ago. 2014.

íntima com o momento vivido, aproveitando-me de uma entrevista do historiador Henry Rousso, de um artigo do historiador brasileiro, Tiago Bernadon, e do debate historiográfico francês organizado por Agnès Chauveau e Philippe Tétart, no livro *Questões para história do presente*, que nos esclarece que História do tempo presente é, antes de tudo, História.<sup>5</sup>

Sendo assim, a obra incompleta de Marc Bloch, *A apologia do historiador ou o ofício do historiador*, me parece ser um eixo que orienta, mesmo que de maneira não específica, essa pesquisa a chegar ao seu objetivo central que é tratar o livro *Historiadores pela democracia* como objeto histórico da conturbada crise política brasileira.

Ao fim deste estudo, pretendo ter conduzido o leitor a uma análise histórica do livro, investigando seus diferentes aspectos que tocam em seu processo produtivo, autoral, editorial e sua repercussão, na sua relação com as mídias sociais, bem como em sua possível aproximação com a ideia de História do tempo presente e, assim, criado um caminho possível que nos ajude a entender – mesmo que um pouco - a crise política brasileira entre 2015 e 2016, bem como questões pertinentes a respeito do campo historiográfico que abarca a categoria do presente.

---

<sup>5</sup>CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Philippe (Org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. p.127

## Capítulo 1 – A ordem singular na obra

### AUTORES

O trio de autoras/organizadoras do livro é formado pelas historiadoras Beatriz Mamigonian, doutora em História e professora/pesquisadora na UFSC, ela atua em temas como escravidão e tráfico de escravizados; Hebe Mattos, doutora e professora pela UFF, especialista em História da escravidão no Brasil, além de atuar no laboratório de história oral e imagem (LABHOI) da mesma Universidade; Tânia Bessone, professora pela UERJ, possui intensa atuação em associações de pesquisa, tendo ocupado cargos diretivos, e é pesquisadora com foco em história cultural e do livro.

Entre todo o corpo de autores, considero ao todo 38, se mantém um perfil mais ou menos homogêneo que guarda essas experiências de trabalho professoral e em pesquisas acadêmicas, quase todos em universidades públicas, sendo que parte considerável atua no eixo Rio-São Paulo<sup>6</sup>, e com apenas seis profissionais que não trabalham na área de História, sendo um advogado, três jornalistas, um sociólogo e um designer gráfico.<sup>7</sup>

Embora com trajetórias certamente distintas, os autores possuem avaliações e preocupações que pertencem a esta vivência enquanto professores e historiadores universitários. Esses aspectos estão colocados no texto *A “velha corrupção”: carta aberta aos jovens sobre as eleições*, de Sidney Chalhoub, quando o autor busca dialogar com jovens e quase como se em meio a uma aula sobre a história brasileira, avaliasse o tema a partir da eleição de 2014, denotando o aspecto antigo da corrupção brasileira, para “contrabalancear a ignorância histórica de parte da mídia brasileira”<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> O recorte regional é evidente, sendo completamente minoritária ou ausente a presença de autores que analisam a conjuntura a partir de outra região que não a do eixo Rio-São Paulo.

<sup>7</sup> Além dos dados já citados, o grupo é dividido por igual entre o gênero feminino e masculino, e apresenta apenas 5 autores com vínculos profissionais no exterior, sendo dois desses autores, estrangeiros.

<sup>8</sup> BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe. (org.) *Historiadores pela democracia – O golpe de 2016: a força do passado*. 1 ed. São Paulo: Editora Alameda, 2016. p.38

Já na parte três do livro, o texto de Wlamyra Albuquerque, adaptado de sua própria fala num encontro com Dilma Rousseff, nos apresenta a identidade de uma professora negra e nordestina que se tornou porta-voz de alunos negros, beneficiados pela luta e implementação da política de cotas, que encontrou respaldo nos governos petistas.<sup>9</sup> Nesta mesma parte, uma carta aberta escrita pela historiadora Adriana Facina, reconhece “as conquistas democráticas” que o PT representou e considera “notável” a ampliação e democratização das instituições federais de ensino, mesmo resguardando críticas e divergências que possui ao que chama de modelo petista<sup>10</sup>

No limite dessa relação entre as vivências dos autores e o livro, está o texto *O ano em que minha família saiu de férias*, de André Honor, em que ele escreve em primeira pessoa num tom memorialístico e conecta sua história pessoal com a história política recente do país, fazendo críticas ao governo de Fernando Henrique Cardoso e valorizando os governos petistas:

Entre pra faculdade de História em 2002. Vi uma UFPB renascer das cinzas. De falta de professores, de salas, equipamentos, para uma universidade que se tornava prioridade na política nacional [...] Concluí o doutorado em História em dezembro de 2013. E não creio que tenha sido mérito pessoal. Meu esforço conta, mas se não fosse a política do PT não teria tido a chance. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p.25)

O texto, que é escrito inicialmente em 2014, ganha uma segunda parte em 2016. Nessa parte o autor completa:

Dedico essa carta a todas as famílias de funcionários da USP que hoje enfrentam um processo de PDV [...] Somente o Estado democrático é capaz de dar aos seus cidadãos oportunidades [...] O Estado de exceção generaliza, o democrático compartilha. Lutar sempre pela democracia! (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p. 26 e 27)

De fato, as experiências profissionais e educacionais dos autores traçam uma relação próxima com um momento de expansão nos investimentos, nas ofertas de vagas e na criação de novos campi de universidades públicas. Entre 2001 a 2010, houve um aumento de mais de 85% nas matrículas, puxado principalmente pelas

---

<sup>9</sup> Ibidem., p. 219.

<sup>10</sup> Ibidem., p. 216.



regiões do Nordeste, Norte e Centro-Oeste do país, embora o aumento no ensino superior privado tenha sido maior<sup>11</sup>

É visível, portanto, como no documento analisado as experiências profissionais, pessoais e familiares servem de motivação e influenciam na análise da conjuntura que os autores estão fazendo, embora o reconhecimento de avanços sociais nos governos petistas, ou mesmo permanências como a “velha corrupção”, fazem parte de uma análise que não se encerra nessas experiências, pois ao lembrar casos de corrupções passadas e salientar que se trata de algo velho, e retomar fatos em governos anteriores constatando mudanças substanciais no período petista ou a própria percepção de que essas melhorias estão sob risco, os autores acabam por fazer uma análise que identifica permanências e mudanças indicando, neste sentido, alguma perspectiva histórica.

Segundo Marc Bloch:

[...] quando os fenômenos estudados pertencem ao presente ou ao passado muito recente, o observador, por mais incapaz que seja de forçá-los a se repetir ou de infletir, a seu bel-prazer, seu desenrolar, não se encontra do mesmo modo desarmado em relação a suas pistas. Ele pode, literalmente, dar vida a algumas delas. São os relatos das testemunhas. (BLOCH, 2001, p. 54)

Os exemplos citados do documento, neste caso, podem ser entendidos como testemunhos históricos que são utilizados na própria análise. Os historiadores acabam por relatar debates midiáticos, mudanças políticas, avanços sociais e, a partir desses relatos pessoais, dão vida a uma análise que condiciona os fatos vividos a um tempo histórico.

Podemos ver também, nesses exemplos, aspectos de identidade que não estão presentes em todo grupo de autores. A trajetória de Wlamyra e André, que perpassam a região Nordeste brasileira, como vimos, não é a da maioria. A grande parte dos autores está vinculada – ao menos profissionalmente - ao eixo Rio-São Paulo, mas

---

<sup>11</sup> Para maiores detalhes, ver os estudos: SAVIANI, Dermeval. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. *Póiesis. Pedagógica* - V.8, N.2 ago/dez.2010; pp.4-17; e BARROS, Aparecida da Silva. Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades. *Educ. Soc., Campinas*, v. 36, nº. 131, p. 361-390, abr.-jun., 2015

todos eles se aproximam ao compor uma visão de preocupação e indignação com o momento.

É importante notar que nessa construção entre diversidade e unidade que faz parte do livro, está um possível recorte de gênero que ganha ainda mais força em sua parte final, a qual se propõe a fazer as primeiras interpretações do golpe. No texto, *O golpe de 2016 na vida das mulheres*, as historiadoras Ana Flávia Cernic e Gláucia Fraccaro, recuperam o histórico de luta do movimento feminista no Brasil, identificam o caráter misógino no golpe em andamento e, ao reconhecer o ineditismo de uma mulher no posto máximo da política brasileira, se colocam na defesa do retorno de Dilma ao posto de presidente.

## CAPA E CRONOLOGIA

É possível, porém, encontrar esse recorte na própria capa do livro, que traz centralidade na figura de Dilma Rousseff. Acredito ser de suma importância analisar os aspectos de produção da obra também a partir da capa e entendo que seu criador deva ser considerado como um dos autores, afinal todos os elementos do livro, mesmo os não verbais, influenciam e condicionam a própria leitura, contribuindo para o enriquecimento do próprio texto.<sup>12</sup>

Dessa forma, a capa criada pelo designer gráfico André de Castro<sup>13</sup> nos apresenta informações que se correlacionam com o próprio livro. Aqui cabe uma rápida descrição: A frente e a contracapa do livro trazem como elemento de destaque imagens de Dilma Rousseff num formato de serigrafia. A imagem aproveitada é a foto de sua ficha policial, quando presa na ditadura, e que foi amplamente utilizada no contexto da eleição de 2014<sup>14</sup>. As fotos que se repetem foram colocadas em diferentes tons de amarelo, laranja e rosa que contrastam com o fundo cinza. As imagens de Dilma se desbotam, apagando parte do desenho, mas mantendo a estrutura identificável da foto, sobretudo seu olhar intenso característico. Soma-se à capa o título em preto, centralizado em uma fonte com as palavras encaixadas, e o subtítulo

---

<sup>12</sup> BELO, op. cit., p.62.

<sup>13</sup> André é Designer gráfico formado pelo MFA Communication Design Pratt Institute, em Nova York, ele trabalha com narrativas visuais através de retratos, agência social e escalas de entendimento.

<sup>14</sup> Sobre o uso da foto ver:

[https://brasil.elepais.com/brasil/2014/10/27/politica/1414430543\\_325319.html](https://brasil.elepais.com/brasil/2014/10/27/politica/1414430543_325319.html)

em vermelho logo abaixo. Além dos aspectos mais formais, como o logo da editora, o nome das organizadoras e de todos os autores já na parte de trás.<sup>15</sup>

A capa remete a Dilma enquanto personagem central do momento vivido, mas vai além ao se utilizar de uma foto tirada no contexto da ditadura civil-militar, contraposta às letras grandes que compõem a palavra “democracia” no título: relaciona passado e presente. A trajetória guerrilheira de Dilma e o próprio período da ditadura fazem parte, portanto, de um cenário interpretativo do presente, em que o passado está se desbotando sem, no entanto, perder uma estrutura, uma base que se faz presente no momento vivido, mesmo que sob diferentes interpretações – indicadas pela diversidade de cores nas fotos - que se possa fazer do passado e da própria personagem Dilma Rousseff.

É nesse sentido que a capa parece compor o significado do livro. Ele não é entendido enquanto documento histórico sem a análise dessa ilustração somada ou interposta aos próprios textos. É com essa análise que se percebe o destaque à interpretação de uma mulher que possui trajetória ímpar de resistência política e, ao mesmo tempo, representa parte comum a história brasileira cercada de desigualdades e misoginias tal como o texto de Cernic e Faccaro nos lembra. Ela foi a primeira mulher a se tornar presidente do país e naquele instante enfrentava um golpe articulado por homens. O destaque passa, sem dúvida, também pelo nítido e manifesto posicionamento político dos autores. Ser “pela democracia” os coloca na defesa de Dilma, e eles a fazem ao longo do livro, principalmente na terceira e quarta parte da obra, com cartas abertas, manifesto que se somam a um ato na Universidade de Brasília e a visita feita pelo grupo à própria presidente no decorrer dos acontecimentos.

Sendo assim, entendo que o trabalho feito na capa não está distante de uma interpretação histórica, por mais que seu autor não seja de fato um historiador. Para March Bloch:

[...] a história não é a relojoaria ou a marcenaria. É um esforço para o conhecer melhor: por conseguinte, uma coisa em movimento [...] Ora, da parte do analista, semelhante empreendimento exige forçosamente uma imensa dose de escolha pessoal. [Toda ciência, com efeito, é, a cada uma de suas etapas, constantemente atravessada por tendências divergentes, que não são possíveis de dirimir sem uma

---

<sup>15</sup> Ver Anexo [1]

espécie de aposta sobre o futuro.] Não se pretende aqui recuar diante dessa necessidade. Em matéria intelectual, não mais que em qualquer outra, o horror das responsabilidades não é um sentimento muito recomendável. Entretanto, ao menos seria honesto alertar o leitor. (BLOCH, 2001, p. 34)

Sem dúvida, podemos perceber que a defesa de Dilma, somada a uma interpretação que busca o passado no presente, nos indica uma obra que busca conhecer melhor o movimento histórico, sem se furtar de escolhas políticas e muito menos das responsabilidades frente aos retrocessos.

Por fim, cabe informar que a serigrafia se trata de um trabalho artístico feito anteriormente ao livro. Ele foi criado em *monoprints* – mesmo formato apresentado no livro - no contexto do movimento “Ocupa Capanema”<sup>16</sup>, no Rio de Janeiro, pelo mesmo autor da capa. Mais uma vez, portanto, o contexto de crise vivido em 2016 é visto correlacionado com a própria produção do livro. Seus autores estão, antes e no momento da criação dessa obra, inseridos na luta contra o golpe e em movimentos considerados de defesa da democracia.

Mais um aspecto que considero importante na constituição do livro é a divisão feita com as quatro partes e as cronologias que cada uma traz. Sendo assim, a edição é mais um fator a ser analisado. Dessa forma, eu considero o editor principal do livro, Haroldo Ceravolo<sup>17</sup>, como mais um autor, ainda que eu não possua informações e detalhes sobre a produção editorial e reconheça a possibilidade de a edição ser um trabalho conjunto que envolva diferentes funções.

A escolha por colocar uma cronologia a cada uma das quatro partes da obra fortalece seu aspecto testemunhal, ao mesmo tempo em que a seleção dessas datas já representa uma análise que confere o significado de relação de tais fatos à crise política. Todavia, a proximidade relacional entre as datas e fatos escolhidos na cronologia com os temas e análises dos textos só se fortalece na metade do livro, acompanhada de outra transição: A partir da segunda parte do livro, *A crônica do golpe no olhar do historiador* - a maior das quatro partes da obra -, as análises históricas dividem cada vez mais espaço com posicionamentos políticos, preocupações, denúncias e manifestações em conjunto.

---

<sup>16</sup> Para um breve relato do movimento, ler: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-05/manifestantes-ocupam-predio-do-ministerio-da-cultura-no-rio-de-janeiro>

<sup>17</sup> Jornalista e Doutor em literatura brasileira, atua como editor de redação do portal Opera Mundi

Na terceira e quarta parte, os acontecimentos e a consumação do impeachment já moldaram o formato do livro: a cronologia aparece mais limitada a dias e meses, como se a crise acelerasse o tempo, a sensação é de que já se escreve sobre o ocorrido sem nem se esperar um ou dois dias. O tempo cronológico se aproxima mais do que nunca do tempo da escrita e o livro parece amadurecer para uma obra em conjunto, com cartas abertas. A quarta parte é finalizada com balanços iniciais do governo de Michel Temer e do próprio golpe.

Sendo assim, as escolhas editoriais vistas nas cronologias passam de um teor mais jornalístico – o que pode indicar uma escolha de Haroldo – para, aos poucos, se encontrar com a análise histórica, tornando uma coisa só: o presente analisado no exato momento em que se vive. A observação dessa transição nos permite considerar um amadurecimento do livro, que perpassa da avaliação de aspectos da crise política brasileira e chega a uma luta contra o golpe e o governo golpista.

## REPERCUSSÃO

Por fim, é preciso destacar aspectos da repercussão desta obra. Seu lançamento oficial ocorreu em maio de 2016 na Universidade de Brasília e contou com o convite à presidente Dilma Rousseff. A cobertura da imprensa parece ter sido quase nula, com exceção da gravação de um vídeo feita pelo portal Jornalistas Livres convidando o público a participar do lançamento.

Esse e outro evento de lançamento – na Unifesp, campus Guarulhos - foram divulgados na página do *facebook* “Historiadores pela democracia” e receberam boa interação com curtidas e comentários. Sua divulgação se deu também por meio de artigo escrito pela autora Hebe Mattos, no jornal Folha de São Paulo.

Já em outubro, dois meses após o primeiro lançamento, outro evento foi feito na livraria Leonardo da Vinci, Rio de Janeiro, desta vez, promovido pela ANPUH. No mesmo mês, um artigo publicado pela historiadora Raquel Gomes, na revista Teoria e Debate da fundação Perseu Abramo, comemorou a obra como: “Biografia do golpe [...] que rompe os limites que se têm tentado impor ao trabalho do historiador e

também ao acesso a possibilidades problematizadoras dos recentes acontecimentos políticos brasileiros.”<sup>18</sup>

O livro, portanto, circulou desde sua publicação, principalmente, entre os meios acadêmicos, mas houve circulação também no meio digital a partir do próprio grupo de *Facebook* fundado pelos autores. Na imprensa, pouco destaque, o que mostra uma oposição ao debate amplo sobre a crise vivida, dado o fato de a imprensa tradicional ser um dos atores do golpe em andamento, como vemos em mais de um texto que compõe o livro.

A proximidade dos autores com as universidades públicas, sem dúvida, é um fator que explica a maior adesão e repercussão do livro nesses meios. Em um cenário mais amplo, temos os dados da tiragem. Segundo a editora Alameda, cerca de 3.174 exemplares foram impressos até meados de outubro de 2020. Trata-se de um número relativamente pequeno, ao considerar a tiragem média de livros indicada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL)<sup>19</sup>. No entanto, este número pode ser consideravelmente maior se somado aos exemplares digitais comprados, aos quais não tive acesso aos dados.

Além disso, e mais uma vez, não podemos desconsiderar o próprio contexto. A obra circulou em ambientes mais amigáveis, de proximidade profissional e política com os autores, pois o embate da crise já deixava uma sociedade dividida. O livro indica um posicionamento claro na interpretação dessa crise, o que o afasta de uma adesão mais ampla, sobretudo nos setores claramente a favor do golpe – como a imprensa tradicional.

A circulação do livro, pensada principalmente pelos seus meios de repercussão, nos permite perceber que o texto não é uma entidade totalmente abstrata ou mesmo separada das dimensões presentes na relação estabelecida entre o discurso e sua forma<sup>20</sup> e está, também, relacionado com a sociedade em que ele é

---

<sup>18</sup> O artigo está disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/estante/historiadores-pela-democracia-o-golpe-de-2016-e-a-forca-do-passado/>

<sup>19</sup> Para maiores detalhes, ver: <http://cbl.org.br/imprensa/noticias/setor-editorial-vendeu-menos-e-preco-do-livro-caiu-em-2015>. (Dados de 2015)

<sup>20</sup> CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes — [Sao Paulo] : Imprensa Oficial do Estado de Sao Paulo : Editora UNESP, 1998. P. 101

consumido. Ao investigar sua repercussão, percebemos – para além dos problemas já citados e de questões culturais e financeiras que dificultam o acesso à leitura no país - que se trata de uma sociedade dividida e em confronto político.

## **Capítulo 2 – As Mídias Digitais na obra: influência e conflitos**

### IMAGENS E ANEXO

O livro *Historiadores pela Democracia* é uma organização de artigos que – com pouquíssimas exceções - não foram escritos para a criação do próprio livro, ou seja, são textos feitos em diferentes situações, mas que guardam uma proximidade de assunto entre si: a política brasileira entre os anos de 2009 até 2016. Sua produção, portanto, se dá numa transposição textual de outras plataformas para a plataforma física do livro, o que pode indicar certas adaptações na escrita, na edição e no limite das interpretações possíveis do próprio texto.

Mesmo tratando-se de um documento singular, entendo que as plataformas das quais foram transportados os textos nos dão algumas informações sobre a produção do livro, pois, ainda que readaptado, pode-se perceber a conservação de algumas características que mostram uma intensa relação com o digital, com o ambiente acadêmico e até mesmo com um público de jornais.

Não à toa, logo na introdução, as organizadoras nos dizem que o livro:

[...] reflete os efeitos positivos de democratização do acesso à informação possibilitados pela internet no Brasil, a despeito dos novos problemas que as bolhas de opinião no mundo virtual podem ensejar. Representa, sobretudo, um esforço por quebrar essas barreiras invisíveis, potencialmente geradoras de intolerância e ódio. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p.12)

A maior parte dos textos foram escritos no blog “Conversa de historiadoras”, criado por uma das autoras/organizadoras do livro, Hebe Mattos, e por Martha Abreu, e nos perfis da rede Facebook dos próprios autores. Há também algumas falas em eventos acadêmicos, adaptadas para o formato textual, especialmente para o livro, e artigos em jornais.

A influência da internet pode ser vista, por exemplo, no uso de imagens. São sete no total, sendo ao menos duas indissociáveis das mídias sociais: a primeira foi colocada ao fim da cronologia inicial do livro e faz uma relação anacrônica entre a queda da Bastilha e os protestos de 2013, em formato de meme.<sup>21</sup> O foco nos protestos aproxima o meme mais da cronologia do que do próprio conjunto de textos que compõem essa primeira parte.

A segunda imagem que podemos citar é uma charge de Adriano Kitani, retirada de um site que também faz referência aos protestos de 2013, dessa vez com a vantagem de uma distância temporal de dois anos. A charge relaciona tais manifestações com a possibilidade do surgimento de um monstro fascista que só pode ser evitada com o estudo de História.

As outras cinco, se não foram retiradas do meio digital fizeram parte dele em algum momento, são fotos e trabalhos artísticos que não ignoram a linguagem das redes sociais, exceto o quadro “Um funcionário a passeio com sua família”, de Debret, utilizado por Beatriz Mamigonian em seu texto *Dois Domingos com duzentos anos de intervalo*, que se soma a uma fotografia de protestos a favor do golpe. Inclusive, este é o único texto a tratar a imagem utilizada como documento a ser analisado. As imagens restantes são colocadas no sentido de ilustração, com um diálogo temático com os textos, sem mais problematizações.

Nesse sentido, entendo que esse uso imagético nos indica um resquício do uso das mídias sociais como plataforma anterior ao livro, mas que permanece nele. As imagens aparecem sem uma análise propriamente histórica, mas, ao mesmo tempo, complementam o texto ou cronograma numa organização tal como um artigo digitalmente escrito, em que imagens ilustrativas se unem à escrita conforme você desce a barra de rolagem de seu computador.

Chartier reflete que é essencial, numa história do livro, avaliar o processo em que os autores dão sentido aos textos, os quais não existem fora dos suportes

---

<sup>21</sup> Utilizo o significado de meme enquanto um produto cultural das redes sociais, um instrumento de transmissão de alguma mensagem que se espalha e se populariza pela internet em determinado momento. Para melhor explicação sugiro o artigo do jornalista Thiago Ferreira, escrito em 2015: <https://www.vix.com/pt/bbr/tecnologia/2591/meme-tambem-e-cultura-veja-como-eles-dominaram-a-internet>



materiais em que são veiculados.<sup>22</sup> Nesse sentido, os artigos organizados no livro ganham uma nova existência no veículo material do próprio livro, pois sua produção permite avaliá-los como um conjunto de textos que exprime um novo sentido, sem o qual não poderíamos analisar o livro enquanto documento singular.

Da transposição dos antigos suportes, aos quais os textos pertenciam, para o suporte do livro, temos a ressignificação dos próprios textos. Se antes tínhamos blogs de historiadoras escrevendo sobre o presente, ou professores e pesquisadores de história preocupados em avaliar questões políticas e sociais em suas redes pessoais, ou mesmo intelectuais usando espaços em jornais e portais de diferentes orientações políticas, agora temos um conjunto de autores que busca analisar a crise política brasileira entre 2015 e 2016 e expressar, além de suas preocupações, a interpretação de que o país vive um golpe em curso.

Não obstante, como adiantado na introdução desta pesquisa, o título do livro é a repetição do nome dado a um grupo do *Facebook*, criado um mês antes do seu lançamento. O grupo em questão, que hoje conta com mais de 45 mil membros, é aberto “a todos os interessados em discutir história e democracia com objetivo de organizar a resistência ao golpe em curso e de lutar pelo restabelecimento pleno da democracia no Brasil.”<sup>23</sup> É também um desdobramento do blog “Conversa de Historiadoras”, que foi administrado de início por três das autoras do livro, sendo duas, Mattos e Mamigonian, também organizadoras da obra.

Nessa relação entre redes sociais e a obra, ao fim do documento temos mais um elemento que chama atenção, é citado um anexo com depoimentos em vídeo salvos na rede social *Tumblr* e dedicados a Dilma Rousseff e “em defesa do estado democrático de direito”. Nesta parte se informa o link para acesso ao anexo com os vídeos e os nomes de todos que participaram da gravação: “Alguns dos mais experientes profissionais do nosso ofício, professores universitários e jovens profissionais do ensino estão reunidos em uma verdadeira aula de história”<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> CHARTIER, Roger. Os desafios da escrita. Tradução: Fulvia M. L. Moretto – São Paulo: Editora Unesp, 2002. 2002. p.61

<sup>23</sup> Informações disponíveis na aba “Sobre” do grupo no *Facebook*

<sup>24</sup> BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe. (org.) *Historiadores pela democracia – O golpe de 2016: a força do passado*. 1 ed. São Paulo: Editora Alameda, 2016. (ANEXO)

Tal anexo, que também está disponível em acesso direto na versão online do livro, nos mostra mais uma vez a forte influência das redes sociais na construção da obra, essa se estende ao mundo virtual ao mesmo tempo em que o incorpora como plataforma, numa relação que acaba por influenciar no uso de imagens e na própria organização do livro.

## ESCRITA

A maneira de escrever não fica alheia a essa relação entre autores e mídias digitais. Os textos oriundos das plataformas digitais – que são maioria na obra - dão o tom geral de um livro que apresenta uma escrita objetiva, fluída, com poucas notas de rodapé e a busca por um interlocutor amplo. Há pouco uso de regras formais, importantes em artigos acadêmicos, mas há a responsabilidade de uma análise concisa, sem se desprender do estreito diálogo com o campo historiográfico.

Uma parcela considerável dos textos foi escrita em primeira pessoa, porém, embora essa característica ganhe força na terceira parte do livro, quando o governo interino já tomou posse, é principalmente nos textos escritos no *Facebook* que ela aparece. É assim em vários artigos que atravessam todas as partes do livro. A primeira pessoa aparece em tom memorialístico, de cobrança e principalmente desabafo, como no texto *Carta aberta ao embaixador Michael Fitzpatrick*, de James Green, que o inicia da seguinte maneira:

Fiquei extremamente desapontado ao ler que você afirmou que, inequivocamente, o processo de impeachment atualmente em curso no Brasil é democrático e legítimo. Mesmo considerando os perigos existentes na comparação histórica de eventos ocorridos em diferentes períodos, digo que o governo dos EUA está correndo o risco de repetir o trágico erro feito em abril de 1964 (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p. 173)

Vemos aqui uma abertura de uma interpretação do golpe que dialoga com o contexto internacional e os interesses estadunidenses, mas é nos elementos da escrita que encontramos uma característica que compõe a unidade desse livro, a carta escrita na página do *Facebook* do autor expõe a influência dessa plataforma na obra, trata-se de mais um texto escrito a um público amplo, num espaço que não é público, mas privado, ao mesmo tempo em que é de responsabilidade pessoal dos autores. Esse contexto de escrita impõe aos textos uma busca por interlocução ampla, de

denúncia, opinativo e de intervenção num debate político que parece não existir sem a presença das mídias digitais.

Afinal, vivemos em um período em que dificilmente o trabalho dos historiadores passa alheio aos meios digitais, embora tenhamos ainda muitas questões relativas a essa influência a serem tratadas com mais cuidado pela historiografia.<sup>25</sup>

Os textos também mostram essa inserção ao meio digital a partir de termos e palavras, é assim no manifesto da ANPUH, escrito inicialmente no próprio site da associação, em que a denúncia sobre a conhecida homenagem feita ao torturador coronel Ustra em meio à votação do impeachment conduz o texto. Em determinado momento, uma palavra de ordem é escrita em letras maiúsculas “DITADURA NUNCA MAIS”, ou em caixa alta, como é conhecido tal uso nas redes sociais. O sentido de dar ênfase na frase é estabelecido a partir de um traço que nos indica uma escrita familiarizada com o das mídias sociais.

Em um dos pontos altos do livro, um conjunto de textos sobre a data treze de maio, retirado do blog Conversa de Historiadoras, discute o significado da data a partir do contexto do golpe. Em um desses textos, temos outro exemplo da evidente influência das mídias digitais na escrita do livro:

Nesses tempos de ameaça às conquistas negras e populares, devemos aprender com os quilombolas que a obtenção da real liberdade resulta de uma luta permanente e, ao mesmo tempo, celebrar as conquistas de forma a não esquecer que vale a pena continuar lutando. #VaiTerLuta (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p.169)

A hashtag com o termo nos indica que as mídias digitais atravessam a obra e chega inclusive a atuar na própria linguagem utilizada no livro. Nesse sentido, elas são plataforma de escrita enquanto espaço de luta e intervenção do debate público, um local explorado para organizar a oposição contra o golpe em andamento.

---

<sup>25</sup> ARAUJO, op. cit., p.161

## OBJETO

A produção do livro, portanto, passa por essa relação de fora para dentro, de contexto e obra, que nos permite observar uma atuação política, coletiva e de resignação da qual o livro faz parte. No entanto, essa relação não é unidirecional. Os autores tratam as mídias sociais como um objeto a ser analisado em diversos momentos.

O “esforço por quebrar essas barreiras invisíveis, potencialmente geradoras de intolerância e ódio”<sup>26</sup>, pode ser visto como a busca por interpretar o papel das mídias sociais sobre a crise vivida. A possibilidade de serem ambientes que gerem ódio é bem retrato no texto de Ana Magalhães Pinto, já na segunda parte do livro, ao descrever o cenário real e virtual sobre uma manifestação contra o golpe, em abril de 2016:

[...] Defensores do impeachment e ‘odidores do PT’, com suas hashtags convencionais, eram esperados. Só que as reações não pararam por aí. ‘Se descer vão levar bala’, eis o comentário que pouco depois das 10h me fez observar com mais atenção a coluna do lado direito da tela. A partir daí, a experiência não foi nada agradável e alterou até o rumo do texto que preparava para hoje. (BESSONE; MAMIGONIAN; MATTOS, 2016, p.118)

Ao considerar a alteração do rumo de seu texto, a autora nos deixa evidente que o contexto virtual exerce influência nas suas interpretações, e o desabafo se transforma em análise. A autora segue, a partir de então, fazendo uma reflexão sobre a história brasileira enquanto um processo marcado pelo ódio e conclui que esse, apesar de negado, foi enfrentado por diferentes gerações de brasileiros, sendo a última beneficiária de tão pouco – ao se referir a avanços nos governos petistas em perspectiva histórica – mas o suficiente para gerar fúria de quem não admite transformações sociais.<sup>27</sup>

É possível entender esse texto como uma parte da visão que os autores constroem sobre as mídias digitais: um espaço conflituoso, de propagação de ódio, e ocupado em boa parte por defensores do golpe.

---

<sup>26</sup> BESSONE; MAMIGONIAN; MATTOS, op. cit., p. 12

<sup>27</sup> Ibidem, p. 121.

Podemos, porém, identificar uma outra visão que também compõe a obra. Na entrevista ao *Jornal da Unicamp*, o sociólogo Laymert Garcia diz:

[...] Graças a Deus a gente tem internet para poder, no nível alternativo, por exemplo, nos chamados blogs sujos, construir uma nova versão. Senão, estava tudo completamente dominado, haveria só uma versão dos acontecimentos e você não teria a possibilidade de desconstrução desse discurso. A mídia alternativa está fazendo a desconstrução do discurso unívoco da grande mídia. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p.148)

Laymert contrapõe, na sequência da entrevista, a ideia de que ‘bolhas de informação’ radicalizam posições políticas ao valorizar o aumento da diversidade e a possibilidade de todos produzirem informação<sup>28</sup>. Embora essa seja uma visão que apareça menos no livro do que a visão negativa, ela ganha força se juntarmos os elementos gerais já analisados. A mídia social, enquanto plataforma de escrita, e a diversidade de cores que mesclam a imagem de Dilma na capa levam em consideração um presente que se pressupõe diverso em interpretações. Mas é aqui que está, talvez, o ponto que gera melancolia e ao mesmo tempo inspira os autores: Frente a essa diversidade, é preciso unir pontos em comum para enfrentar o golpe.

As mídias digitais fazem parte desse contexto de enfrentamento e, por isso, atravessam toda a obra, seja como ambiente de escrita ou objeto de estudo. Segundo Adriana Delorenzo, em 2016 foi apresentado um estudo que indicou que oito em cada dez brasileiros estavam conectados ao *Facebook* naquele ano, dados que, somados à crise política, dão ideia da importância desses canais em manifestações e engajamentos, que em sua maioria – assim também percebido pelos autores do livro – foram ocupados com mais força por grupos pautados pelo conservadorismo<sup>29</sup>. Podemos interpretar essa ocupação como um movimento inerente ao processo golpista, pois foi acompanhado de uma retórica antipetista e que, ao menos a partir de 2015, acrescenta um explícito apoio ao impeachment de Dilma<sup>30</sup> e, sob a liderança

---

<sup>28</sup> Ibidem, p. 149

<sup>29</sup> DELORENZO, Adriana. De 2013 a 2016, quem dominou a disputa nas redes do Brasil? In: ROVAI, Renato (org.) *Golpe 2016*. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2016.

<sup>30</sup> MACHADO; FREIXO, op. cit., pp. 88-95

desses novos grupos conservadores, iria fazer das mídias sociais uma potência de divulgação político-ideológica.

Nesse sentido, o documento analisado surge como desdobramento de uma disputa política também no mundo virtual. A percepção dos autores desse processo contribui para uma tentativa de disputar as mídias digitais na medida em que a construção desta obra é inerente a essa percepção e ação.

Essa atuação e busca por intervir na crise nos impõem questões a respeito da relação do livro com o presente, com o momento vivido. Como podemos interpretar o que os próprios autores chamam de História imediata? E como ela pode se relacionar com o trabalho historiográfico do documento?

### **Capítulo 3 – A força do presente no fazer histórico**

#### **HISTÓRIA IMEDIATA E HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE**

Vimos que há uma intrínseca relação entre contexto e obra a partir da análise dos autores, da organização do livro e de seu contato com as mídias digitais. Podemos somar a essa relação – pois se trata de um documento majoritariamente escrito por historiadores – o próprio ato de fazer História.

Escrever no calor do momento implica logo de cara um debate sobre os limites do processo historiográfico, afinal, e para além da definição dada pelos próprios autores, podemos interpretar o documento como uma obra historiográfica ou apenas como um exercício político contra o golpe que uniu parte de historiadores do sudeste brasileiro?

Recorrendo à obra de Marc Bloch, é possível entendermos que fazer história não se limita a um passado:

'Ciência dos homens', dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: "dos homens, no tempo". O historiador não apenas pensa "humano". A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente

homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade. (BLOCH, p. 41)

Ao considerarmos que estamos tratando de um livro que acaba por interpretar um período curto e atual, temos, sem dúvida, um trabalho que analisa um tempo, que não é um passado distante, mas nem por isso impõe aos historiadores uma grande mudança de métodos que não seja apenas de grau diferente.<sup>31</sup>

Superada essa questão preliminar de possibilidade de se fazer a História de um tempo que não é o passado, é necessário enfrentar aspectos da obra que refletem o debate sobre história do imediato. O livro traz claramente reflexões que dialogam com o conhecimento histórico que os autores carregam. Ao mobilizar temas do passado brasileiro, eles já indicam que o entendimento da crise passa por interpretações desse passado, o que também aparece na capa pelo uso da imagem de Dilma quando presa na ditadura. Isso significa que o processo de escrita e produção do livro, mesmo feito no decorrer da crise, impôs certo distanciamento, ainda que de grau diferente.

Afinal, recorrer a outros períodos e tentar colocar o momento vivido dentro de um processo histórico maior depende de certo desprendimento do sentimento imediato, e, mesmo escrevendo no calor dos acontecimentos, os autores fundamentam suas análises, o que demanda um mínimo de tempo necessário. Nesse sentido, entendo que é necessário tratar o exercício de História do imediato dos autores enquanto parte de um gênero híbrido que se relaciona com a História do tempo presente, já que o ato da escrita e a análise impõem a eles um certo recuo, mesmo que mínimo, dado a impossibilidade de retratar um instante.<sup>32</sup>

Considero como História do tempo presente a definição dada por Henry Rousso:

[...] na qual o historiador investiga um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua. A partir de uma compreensão sobre uma época que não é simplesmente a compreensão de um passado distante, mas uma compreensão que vem de uma experiência

---

<sup>31</sup> BLOCH, 2002. op. cit., p.55

<sup>32</sup> CHAUVEAU; TÉTART, op. cit., p. 22 e 23.

da qual ele participa como todos os outros indivíduos. (AREND; MACEDO., 2009, p. 201)

Compreender uma experiência da qual se participa e está definitivamente em andamento, a partir de um conhecimento histórico, significa aos autores do documento apresentar *riscos*, *olhar o que se oculta por trás do jogo político e midiático*, lembrar que a corrupção que se coloca é *velha* e não nova<sup>33</sup>. Essa parte inicial do livro busca, portanto, chamar a atenção dos leitores para o lastro histórico de problemas que se fazem presentes na crise, é um início de análise que tenta dimensionar esses problemas para nos lembrar de que o presente é feito de passado.

De fato, dos textos que compõem a obra, poucos trazem uma explícita análise documental histórica. Podemos destacar: o artigo que abre a parte dois do livro, em que Mamigonian trata a foto do casal Pracownik como um objeto histórico, que demonstraria a desigualdade social brasileira reproduzida no presente. Mas o olhar historiográfico para a crise vivida atravessa o livro de diferentes formas, como a produção de um testemunho, análise comparativa, busca por dimensionar questões que atravessam períodos distintos e releitura do passado.

Na parte I, os antecedentes são considerados diretamente a partir de 2009, mas, indiretamente, remonta a diferentes períodos da história brasileira ao se utilizar de temas como colonização portuguesa, corrupção, escravidão e ditadura civil-militar como fatores importantes na análise do presente. O possível descompasso entre o cronograma dessa parte com os textos – já tratado no primeiro capítulo deste estudo – pode nos indicar também uma dificuldade inerente à História do tempo imediato. Qualquer escolha cronológica se aparentaria rapidamente como arbitrária, numa noção fluída que não dá conta de explicar num instante em que se modifica e ganha novas informações em horas.<sup>34</sup>

Na segunda e mais longa parte do livro, os textos seguem o acirramento político que antecede e perpassa a votação do afastamento de Dilma. Fica claro, nesse

---

<sup>33</sup> Os termos em itálico são referências aos títulos de textos da primeira parte do livro, os quais buscam lastrear aspectos da crise dentro da História do país.

<sup>34</sup> CHAUVEAU; TÉTART, op. cit., p. 21



momento, que a obra supera a chamada de atenção inicial, aprofunda a análise do período ao mesmo tempo em que intervém no debate público, se expõem posicionamentos políticos e, por fim, indica a formação do próprio grupo de intelectuais unidos contra o golpe. É nesse momento que questões relativas à História imediata e à História do tempo presente ganham força, sobretudo, a respeito do embate entre História e Jornalismo.

## HISTÓRIA E JORNALISMO

A começar pelo próprio título da segunda parte: *As crônicas do golpe no olhar do historiador*, e considerando o gênero literário crônica como parte do trabalho jornalístico, já temos um indicativo de que o livro traz um choque entre esses dois campos.

Nesse choque, há diferentes dimensões, podemos citar ao menos duas que se apresentam dentro do livro: A dimensão que avalia o papel da imprensa tradicional no golpe em andamento, ou seja, a que trata o jornalismo como um objeto de estudo, e a dimensão que pertence propriamente à disputa política da crise, que faz os autores confrontarem as interpretações e interesses da mídia no andamento do golpe.

Na dimensão de objeto de estudo, Marcos Napolitano identifica a atuação da imprensa dentro do espectro ideológico que compõe sua perspectiva histórica da crise:

[...] a partir de 2005, a oposição na imprensa cresceu e começaram a surgir as teses do 'projeto de poder', as denúncias de corrupção estrutural e, pior, a denúncia do 'esquerdismo demagógico', reeditando até certa histeria anticomunista que parecia enterrada sob os escombros do Muro de Berlim. Mas, à época, ninguém deu muita atenção para isso, a não ser os comentaristas conservadores de sempre e o andar de cima da classe média, sempre fiel a sua mentalidade oligárquica e elitista, que não quer dividir aviões com os pobres ou pagar direitos das empregadas domésticas. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p. 62)

James Green busca chamar a atenção para a repercussão de fatos na mídia internacional em contraponto à cobertura local, em pelo menos dois momentos:

Como tem sido amplamente apontado nos meios internacionais de comunicação, muitos dos defensores mais proeminentes do impeachment têm sido acusados de corrupção, tráfico de influência, propinas e outros esquemas para enriquecimento financeiro pessoal [...] E, em um ato que foi amplamente e negativamente observado pela imprensa internacional, ele não nomeou uma única

mulher ou pessoa não branca para um posto ministerial. Em um país em que as mulheres e os não brancos são a maioria, tal decisão parecia mais com um olhar para o passado do que para o futuro. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016 p. 156 e 186)

Essas avaliações atravessam a segunda parte do livro se somando a outras como o papel da mídia na divulgação das investigações da Operação Lava Jato, no notório caso do vazamento da conversa telefônica entre Lula e Dilma às vésperas da posse ministerial do primeiro, bem como no apoio intenso às manifestações que atacavam o governo petista. São avaliações por vezes acompanhadas do apontamento de uma tradição golpista e elitista da mídia brasileira. É, portanto, uma relação entre História e Jornalismo traçada a partir de uma análise histórica que os autores fazem da crise. Análise essa que coloca a mídia tradicional e os grandes jornais como autores do golpe em andamento, em conjunto com parcela do judiciário, do Congresso Nacional, de Michel Temer, do grande empresariado e de parte da classe média brasileira.

Essa dimensão entre os dois campos ocorre porque escrever sobre o cotidiano presume identificar atores sociais e políticos que agem e interferem neste. O testemunho dessas atuações é fundamental para se pensar uma História do imediato, pois é o que nos fornecem arquivos, depoimentos, pistas que, mesmo hierarquizadas, como em todas as histórias, nos fornecem documentos para a reflexão do período.<sup>35</sup>

Novamente, a própria escolha de criar uma cronologia nos informa que os historiadores buscam atuar enquanto testemunhas da crise, mas ao fazê-lo eles acabam por disputar o espaço da crônica e aprofundam a obra no cenário político vivido. Já não se trata mais de avaliar a imprensa brasileira enquanto um setor que permanece conservador, mas de disputar a retórica dos acontecimentos, de selecionar fatos, organizar uma cronologia que não aquela indicada por essa imprensa. É quando, no decorrer dessa parte dois, a obra transita para a dimensão política do choque que analiso.

Acompanhando essa transição, temos um conjunto de textos curtos que busca comemorar o feriado de treze de maio e recuperar o debate histórico sobre a data a

---

<sup>35</sup> Ibidem. p.25

partir da leitura de resistência associada ao momento de golpe. Segundo Hebe Mattos, trata-se de uma data para refletir e celebrar, “dia da maior reforma social e política do Brasil”, e nos seus múltiplos significados, acaba sendo rica para pensar o presente.<sup>36</sup>

Ana Flávia Pinto, ao escrever sobre o feriado, clama pela necessidade de se ocupar de toda e qualquer experiência de resistência. Keila Grinberg retoma outros momentos de retrocessos sociais, Giovana Xavier fala da necessidade de ouvirmos as Mães de Maio e lembra: “escrevemos em guerra”, e Mônica Lima chama a atenção para uma das primeiras medidas do governo Temer, que foi alterar os trâmites para reconhecimento de terras quilombolas.<sup>37</sup>

São textos que remontam à abolição da escravatura, ao histórico da luta antirracista, mas, sobretudo, denunciam o golpe enquanto movimento político que afeta diretamente as conquistas dos movimentos negros no país, sem, no entanto, deixar de valorizar o feriado como data a ser comemorada e conduzida como resistência no presente.

Sintetizando parte da ideia que esse conjunto de textos traz, Mônica Lima diz:

Não foram somente os africanos a saudar a abolição da escravidão no nosso país. Outros jornais em diferentes partes do mundo, especialmente a Inglaterra, noticiaram a medida e a celebraram, reconhecendo-a como um marco para um outro Brasil no cenário mundial. Hoje, cento e vinte e oito anos depois, são outros os destaques da imprensa internacional sobre o Brasil. Aparecemos como um país em que um grupo de políticos corruptos fez aprovar sem nenhuma base consistente, num visível e ardiloso golpe, o processo de impeachment contra uma presidenta eleita com 54 milhões de votos e que promovera políticas públicas progressistas e dirigidas à população mais carente – que, no nosso país é sobretudo negra. p.168 (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p. 168)

Dessa forma, a maturação da obra – a partir do fim da segunda parte - enquanto posicionamento político e contra a cobertura imparcial e golpista da mídia brasileira não está alheia a questões da História do imediato, tendo em vista que a prática comemorativa de datas é considerada crucial nesse campo. Essa prática acaba organizando tendências historiográficas que influem sobre a data cívica e ajuda a

---

<sup>36</sup> BESSONE; MAMIGONIAN; MATTOS, op. cit., p 159 e 161.

<sup>37</sup> Ibidem. p 159 a 171

entendê-las melhor, ao mesmo tempo em que é uma ação política<sup>38</sup>, neste caso, contra os atores do impeachment, dos quais fazem parte os grandes jornais brasileiros.

Essa dimensão política atinge seu ápice na terceira parte do livro, que, não à toa, se inicia com cartas abertas, é seguida por uma foto e um texto retratando o encontro do grupo “Historiadores pela democracia” com Dilma no palácio do Alvorada, passa pelo manifesto oficial do grupo, por um intenso debate com Jornais do eixo sudestino, e termina chamando o leitor à resistência contra uma escalada reacionária.

O debate com os jornais, que é o que mais nos interessa aqui, se direciona de fora para dentro do livro, é iniciado por um edital do jornal Estado de São Paulo chamado ‘O lugar de Dilma na história’ e por um artigo do jornalista Demétrio Magnoli na Folha de São Paulo com título de ataque explícito: ‘Formação de quadrilha’.<sup>39</sup>

Uma sequência de artigos no livro busca respondê-los materializando a disputa de narrativas em jogo. Os textos dos jornais citam o grupo de historiadores sugerindo uma atuação político-partidária, pressa na análise e atitudes criminosas. Com doses de ironia, o editorial chega a supor um Marc Bloch envergonhado com a atitude do grupo.

A reação vista na obra sacramenta a busca por intervir no debate público pelos autores, agora não se trata mais de analisar a atuação ideológica da mídia, e vai além de oferecer uma alternativa interpretativa dos fatos. É uma reação que só pode ser entendida dentro de um contexto de crise intensa, de cisão social e valores democráticos debilitados. Entretanto, é, também, uma reação que defende o método historiográfico como legítimo e importante para uma análise do presente, frente a um desconhecimento histórico dos jornalistas em questão. Vejamos um dos trechos que resume bem a reação:

[...] Pois aí está o problema: o papel do historiador nunca foi o de ‘reconstituir’ o passado. Analisando os documentos produzidos pelos diversos sujeitos que participam de um acontecimento ou fazem parte da sociedade, nós interpretamos o passado, procurando explicá-lo. Essa explicação nunca é unívoca, posto que deve

---

<sup>38</sup> CHAUVEAU; TÉTART, op. cit., p. 81.

<sup>39</sup> Os textos podem ser acessados respectivamente nos seguintes links: <https://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-lugar-de-dilma-na-historia,10000056999> e <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2016/06/1785523-formacao-de-quadrilha.shtml>

compreender as diversas forças que produziram os ‘fatos’. Nem tampouco é singular: a história – como aprendem os alunos desde o primeiro ano do curso – não se escreve com verbos regulares e, geralmente, usa o plural. Isso acontece com o passado histórico que, pela sua própria natureza, como o presente, é preñado de tensões e vozes dissonantes. O mesmo se dá com o trabalho dos historiadores, que só se realiza no diálogo com interpretações e explicações diversas. Ao supor a unicidade da história e dos profissionais que denunciam o golpe, os dois jornalistas produzem um efeito de verdade muito útil para a defesa de suas posições. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p. 226.

Na sequência, em outro texto, Silva Hunold conclui:

Como são partidários de uma história unívoca e ‘verdadeira’, temem que a narrativa histórica não lhes faça ‘justiça’. Historiadores do presente e do futuro certamente lerão os documentos produzidos ao longo desse processo e poderão mostrar, com base neles, as forças atuantes, seus protagonistas, os vencedores e vencidos, e aqueles que lutaram pela pluralidade e pela diversidade poderão estar juntos, mesmo sendo diferentes. O nome disso é democracia. [...] A história tem exemplos dolorosos desse tipo de comportamento – basta lembrar textos e atitudes de alguns jornalistas, militantes e intelectuais da Alemanha ou da Itália nos anos 1930. O nome disso é fascismo. (BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe, 2016, p. 228.)

O debate, portanto, é redirecionado pelos historiadores. Há, nesse momento da obra, uma separação incontestável dos campos historiográfico e jornalístico, visto tanto na oposição política quanto nos métodos. Sobre a oposição dos métodos, entende-se que o ato de fazer história busca colocar o que é factual e cotidiano - aos jornalistas em questão - em perspectiva histórica.<sup>40</sup>

## CONTEMPORÂNEOS

Em outras palavras, os historiadores afirmam o lastro histórico do golpe para construir sua defesa política da democracia e identificar permanências incômodas na história brasileira.

O termo fascismo realça a interpretação de um estado de exceção vivido, interpretação que, da parte três do livro em diante, está consolidada nos textos e que

---

<sup>40</sup> CHAUVEAU; TÉTART, op. cit., p.27

indicam uma ação conjunta de um grupo que se formou no decorrer dos acontecimentos e se colocou atuante na resistência ao golpe.

A essa altura já deve estar claro que, embora o livro seja composto de análises históricas, esta é apenas uma camada da obra, que é sobreposta por outra que ganha cada vez mais força no decorrer da leitura: a de um manifesto político.

O que explica esse movimento pode ser o próprio andamento do golpe, mas é também a extensão da proximidade do olhar historiográfico com os fatos. Ao destacar que o livro era escrito no calor do momento, os autores não só afirmaram saber dos limites que essa proximidade impõe a eles, assim como fazem ao terminar a obra com a parte chamada de *As primeiras interpretações do golpe*, mas também indicaram que um posicionamento político atravessaria a obra para além do trabalho historiográfico.

Nesse sentido, os autores são, acima de tudo, contemporâneos, tal como Giorgio Agamben compreende<sup>41</sup>, e o livro se constitui como uma possibilidade de exercitar uma contínua práxis, de interação permanente entre teoria e ação social, dentro do campo historiográfico<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> AGAMBEN, G. "O que é o contemporâneo?", In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2013, pp. 55-73.

<sup>42</sup> Essa possibilidade é defendida por Tiago Bernardon, no artigo: O Golpe de 2016: Breve ensaio de História imediata sobre Democracia e Autoritarismo. *Revista Historiae*, Volume 7, nº2, 2016.

## Considerações Finais

O livro *Historiadores pela democracia* teve um papel de ocupar o debate público no decorrer da crise de 2016, a partir de análise que lastreou os acontecimentos vividos naquele ano num período histórico maior. O recorte utilizado no livro nos permite identificar a percepção que os autores tiveram dos governos petistas, entende-se que foi um momento de avanços sociais que atingiram setores próximos à atuação dos historiadores, como universidades e institutos de pesquisa.

Dessa forma, o tom de preocupação e reação que marca a obra é motivado pela noção de retrocessos desses e de outros avanços. Os historiadores colocam suas experiências e reflexões à disposição da luta contra esses retrocessos. Afinal, a investigação do livro nos mostra uma capacidade distinta da análise do cotidiano por parte de historiadores, capaz de ampliar a análise do presente sob aspectos do passado, os autores se mostram testemunhas privilegiadas.

Essa análise, no entanto, se mostrou intrinsecamente ligada à crise iniciada propriamente em 2015 e que estourou de fato em 2016 com o processo de impeachment de Dilma Rousseff. As características de produção, organização e repercussão do livro também nos trazem informações importantes sobre o contexto: Trata-se de um momento de aceleração dos acontecimentos, acompanhados de intensos debates em espaços digitais, que foram até então ocupados majoritariamente por apoiadores do golpe, o que, de alguma maneira, exigiu um esforço dos autores por disputarem esses espaços.

O livro, atrelado ao grupo do *Facebook* no qual esses historiadores já se organizavam, surge como parte desta motivação por disputa. Essa relação com as mídias digitais moldou as análises e a própria escrita na obra, nos indicando que a construção de um livro é atravessada pelo momento em que ele é construído.

A própria criação da capa corrobora com essa relação entre contexto e obra ao ressignificar um protesto artístico. Seu autor imputa seu posicionamento de defesa de Dilma, assim como sua interpretação que retoma o passado ditatorial brasileiro para nos lembrar da força daquele período.

É nesse sentido que o documento nos revela um entendimento possível do golpe: ele representa uma confluência de problemas mal resolvidos de nosso passado como a colonização, escravidão, autoritarismo, ditadura civil-militar, machismo, entre outros, que se unem a interesses políticos das elites brasileiras e que se entrelaçam a novas questões impulsionadas pelas mídias sociais como o surgimento de novos grupos conservadores.

É essa força do passado que move boa parte das análises que atravessam o livro, sua unidade é a percepção de que uma interpretação da crise sob um prisma histórico indica um momento de preocupante retrocesso democrático e social, o que impõe aos autores a responsabilidade de intervir no debate público e somar à resistência contra o golpe, indicando seus atores.

Conclui-se, portanto, que o documento pesquisado supera uma camada inicial de análise histórica para se tornar, aos poucos, um manifesto historiográfico, pois sedimenta a criação de um grupo de historiadores que, ao identificarem permanências históricas na crise, decidiram por atuar politicamente enquanto defensores de um ambiente democrático que estava e está se deteriorando. O livro é parte dessa decisão e desse ambiente e nos oferece, enquanto historiadores, uma possibilidade de pensar o momento obscuro em que vivemos, assim como uma perspectiva de *práxis* no âmbito da disciplina de História para enfrentá-lo.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, G. “O que é o contemporâneo?”, In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2013.

ARAUJO, George Zeidan. *Ler, pesquisar e escrever história em tempos de internet: desafios e possibilidades*. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 151 - 164, mai./ago. 2014.

AREND, Silva Maria Fávero; MACEDO, Fábio. *Sobre a história do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso*. Revista Tempo e Argumento (PPGH): UDESC. Florianópolis, v.1, nº1, p. 201-216, jan/jun., 2009.

BARROS, Aparecida da Silva. *Expansão da educação superior no Brasil: limites e possibilidades*. Educ. Soc., Campinas, v. 36, nº. 131, p. 361-390, abr./jun., 2015.

BELO, André. *História & Livro*. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BLOCH, Marc. *A apologia da História ou o ofício do historiador*. Editora Zahar, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução: Reginaldo Carmello Correa de Moraes — [São Paulo]: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa do século XIV e XVIII*. Tradução: Mary Del Priore – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *Os desafios da escrita*. Tradução: Fulvia M. L. Moretto – São Paulo: Editora Unesp, 2002.

CHAUVEAU, Agnès. TÉTART, Philippe (Org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.

DELORENZO, Adriana. *De 2013 a 2016, quem dominou a disputa nas redes do Brasil?* In: ROVAI, Renato (org.) *Golpe 2016*. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2016.

FERREIRA, Tiago. *Meme: o que essa palavra significa? Quem deu esse nome para os virais da web?* Portal Vix, [S.l.], [201-?]

MACHADO, Rosana Pinheiro; FREIXO, Adriano de. (orgs.). *Brasil em transe: Bolsonaro, Nova Direita e Desdemocratização*. Editora Oficina, Rio de Janeiro, 2019.

NITAHARA, Akemi, *Manifestantes ocupam Ministério da Cultura no Rio em protesto contra extinção*. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 16 de maio de 2016.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon. *O Golpe de 2016: Breve ensaio de História imediata sobre Democracia e Autoritarismo*. Revista Historiae, Volume 7, nº2, 2016.

ROSSI, Marina. *O retrato de uma presidenta jovem*. El País, São Paulo, 27 de Out. de 2014.

*Setor editorial vendeu menos e preço do livro caiu em 2015*. CBL, [S.l.], 1 de Julho de 2016. Disponível em: <http://cbl.org.br/imprensa/noticias/setor-editorial-vendeu-menos-e-preco-do-livro-caiu-em-2015>.

SAVIANI, Dermeval. *A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades*. Poíesis. Pedagógica - V.8, N.2, p.4-17, ago/dez. 2010;

## FONTES DOCUMENTAIS

BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz G.; MATTOS, Hebe. (org.) *Historiadores pela democracia – O golpe de 2016: a força do passado*. Editora Alameda, São Paulo, 2016. Versão Impressa. (Acervo particular)

CNPq. Plataforma Lattes. Integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. 2021. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/>

Editorial. *O lugar de Dilma na História*. Estadão, São Paulo, 14 de junho de 2016. Disponível em: <https://opinio.estado.com.br/noticias/geral,o-lugar-de-dilma-na-historia,10000056999>

GOMES, Raquel C. A. *Pelo exercício da história imediata*. Teoria e Debate, [S.l.], 7 de out. de 2016. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/estante/historiadores-pela-democracia-o-golpe-de-2016-e-a-forca-do-passado/>

Grupo privado, *Historiadores pela democracia*. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/279791989029774>

Jornalistas Livres, *Historiadores pela Democracia explicam a construção do GOLPE*. Vídeo, Facebook. 31 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=400083646782185>

MAGNOLI, Demétrio. *Formação de quadrilha*. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 de junho de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/demetriomagnoli/2016/06/1785523-formacao-de-quadrilha.shtml>

MATTOS, Hebe. *Os historiadores e a democracia*. Folha de São Paulo, São Paulo, 31 de agosto de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opinio/2016/08/1808638-os-historiadores-e-a-democracia.shtml>

## ANEXOS

[1]

